

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio De Mesquita Filho”

Instituto de Artes - Campus São Paulo

Laura Carvalho Sartoreli

UM OUTRO PRA CHAMAR DE EU:

fantasiando pedagogias cuir para a reinvenção

SÃO PAULO

2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio De Mesquita Filho”

Instituto de Artes - Campus São Paulo

Laura Carvalho Sartoreli

UM OUTRO PRA CHAMAR DE EU:

fantasiando pedagogias cuir para a reinvenção

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Artes,
Universidade Estadual Paulista “Júlio
De Mesquita Filho”, como parte dos
requisitos para a obtenção do grau de
Licenciado em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Rita Luciana
Berti Bredariolli

SÃO PAULO

2023

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

S251o Sartoreli, Laura Carvalho, 1999-
Um outro pra chamar de eu : fantasiando pedagogias cuir para a
reinvenção / Laura Carvalho Sartoreli. -- São Paulo, 2023.
55 f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rita Luciana Berti Bredariolli.
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Teoria queer. 2. Educação. 3. Performance (Arte). I. Bredariolli, Rita
Luciana Berti. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 792.028

Bibliotecária responsável: Luciana Corts Mendes - CRB/8 1053

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio De Mesquita Filho”

Instituto de Artes - Campus São Paulo

Laura Carvalho Sartoreli

UM OUTRO PRA CHAMAR DE EU:

fantasiando pedagogias cuir para a reinvenção

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Artes,
Universidade Estadual Paulista “Júlio De
Mesquita Filho”, como parte dos requisitos
para a obtenção do grau de Licenciado em
Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Rita Luciana Berti
Bredariolli

Trabalho de conclusão de curso aprovado em: 05/12/2023

Banca Examinadora

Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli - Orientadora
Instituto de Artes da Unesp

Gabriela Luz da Cunha

Luiz Guilherme Carvalho Leonardo

★★★★★★★

às crianças viadas, bixinhas, sapatonas,
viadinhos, maricas, travas, boycetas, frutinhas,
boiolas, pocs, caminhoneiras, transviados,
fanchas, gays,
cola velcro, nbabys, barbies,
bixas travesti, drags

★★★★★★★

★agradecimentos★

agradeço ao instituto de artes da unesp, pelos espaços, encontros, possibilidades



agradeço a minha família, e principalmente a minha mãe por ouvir o meu blablabla quando eu estou a beira da loucura



agradeço mis amigues brincantes por não me deixarem esquecer de ser criança lari, bia, nana, raquel, nat, jenni, kim, isa, mari



agradeço lali, lari, cauê, trox, flavu,
amores parcerias que essa graduação me trouxe



agradeço ollie, danuzia, mila,
amigues apaixonades pela vida que me borbulham de vontades



agradeço Rita, pela atenciosa orientação



agradeço a Rayssa, psicóloga com quem eu passo,
por me acompanhar nesse processo maluco de estar pesquisando algo que é tanto sobre mim também e ainda existir ao mesmo tempo



e agradeço a todes amigues lgbtqiap+/cuir com quem troquei ideias sobre meu trabalho nesse último ano, cada conversinha contribuiu pra me explodir mais ainda e tentar juntar os caquinhos por aqui

RESUMO

O presente trabalho estuda o conceito “queer”, seu significado e recepções na elaboração da Teoria Queer e possíveis aplicações de uma pedagogia cuir/queer. Embasada em pensadores como Paul Preciado, Judith Butler, Jota Mombaça, Luisa Amaral, Abigail Campos Leal, Guacira Lopes Louro, Val Flores, entre outros; essa pesquisa entende a questão de gênero como uma construção munida de tecnologias e com isso, explora a potência do cuir/queer no lugar do não estruturado, do que não consegue ser definido, permitindo assim a criação de ficções performativas e estéticas do nosso estar no mundo e se relacionar coletivamente. A respeito das práticas de pedagogias cuir, caminha pela experimentação estética e corporal, a fim de investigar as potencialidades do ser performático através da fantasia e do “brincar de ser outros”, utilizando do conceito da “montação”, muito popularizado na cena drag.

Palavras-chave: teoria queer; cuir; pedagogias queer; montagem; performatividade;

RESUMEN

El presente trabajo estudia el concepto “queer”, su significado y recepciones en la elaboración de la Teoría Queer y posibles aplicaciones de una pedagogía cuir/queer. Basado en pensadores como Paul Preciado, Judith Butler, Jota Mombaça, Luisa Amaral, abigail Campos Leal, entre otros; esta investigación entiende género como una construcción constituida de tecnologías y así explora la potencia del cuir/queer como el desestructurado, el indefinible, permitiendo así la creación de ficciones performativas y estéticas de nuestro estar en el mundo y relacionarnos colectivamente. En cuanto a las prácticas de las pedagogías cuir, camina por la experimentación estética y corporal, con el fin de investigar el potencial del ser performativo a través de la fantasía y “jugar a ser otro”, utilizando el concepto de “montação”, muy popular en la escena drag.

Palabras clave: teoria queer; cuir; pedagogias queer; montação; performatividad.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
1. Teorias anti esclarecedoras para o cuir/queer	11
1.1 Nomes possíveis	14
1.1.1. Queer of color e quare.....	15
1.1.2. Queer dos trópicos, queer sudaka.....	17
1.1.3. Cuir/kuir.....	18
1.1.4. Teoria cu - cucaracha.....	19
1.1.5. Brasil - estudos transviados, não binariedades e travestilidades	19
2. Pedagogias cuir	21
2.1 A reforma da escola numa perspectiva queer	29
2.2 Corpo queer educadore e corpo queer educando.....	31
3. Experimentando a prática	33
3.1 Drag e montagem	37
3.2 Lab cuir: experimentações de eus	38
3.2.1. Lab cuir: experimentações de eus no enearde beagá.....	40
Considerações finais.....	49
Referências bibliográficas	51

1. Introdução

Iniciar uma pesquisa e um trabalho de conclusão de curso não é fácil, isso porque os fins não são fáceis. O que me¹ tranquiliza é que na educação todos fins são mil começos.

Esse trabalho surge como finalização da minha graduação na Licenciatura em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da UNESP. Durante os meus 6 anos de curso, participei de diversos projetos que poderiam culminar numa pesquisa, projetos² estes que caminham para muitos lados, assim como a minha existência nesse instituto. Sendo assim, escolho por explorar a temática cuir/queer³ no contexto da arte/educação, acreditando assim conseguir falar sobre a multiplicidade que a mentalidade cuir/queer pode proporcionar nas experiências estéticas.

De início, essa pesquisa busca conhecer, entender a importância e aplicação do conceito da teoria cuir/queer. Busquei durante os últimos anos tentar definir e explicar para os outros a minha pesquisa e o que significa cuir/queer, e foi por esse mesmo caminho que se trilhava que nos perdemos. Queer é sobre o indefinível, que não pode ser resumido em poucas palavras, e acredito que por isso o conceito não é tão difundido com esse nome, mas ainda assim uma vivência que permeia tantos corpos, sendo assim elaborada por diversos pesquisadores os quais iremos explorar ao longo do primeiro capítulo deste TCC. Pensar o queer é pensar as inúmeras possibilidades que o existir carrega.

¹ O sujeito nesse trabalho varia entre singular, plural, feminino, masculino e neutro, a ser elaborado a seguir.

² Para exemplificar alguns desses projetos cito aqui a minha presença ativa no movimento estudantil, a participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em 2018 e 2019, a colaboração como educador no Cursinho Prévia (Cursinho Pré-Vestibular da UNESP para as provas específicas de Artes Visuais), a atuação na Coletiva Balbúrdia Drag, além do envolvimento recorrente em eventos, cineclubes, congressos e oficinas no Instituto. Sobre essas participações, ressalto a Coletiva Balbúrdia Drag e sua importância para consolidação dessa pesquisa, para detalhes sobre esse movimento cf. “BALBÚRDIA NA UNIVERSIDADE PÚBLICA: (r)existência LGBTQIAP+ no Instituto de Artes da Unesp e suas possibilidades pedagógicas” de Mateus De Freitas Campos, em <<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/e0cfc0cd-98dc-45c1-9138-483dffc125f/content>> acesso em 14 nov. 2023.

³ Insiro aqui pela primeira vez esse conceito que vai rondar este trabalho. No primeiro capítulo irei me debruçar sobre a forma que optei em usar, no entanto insiro essa nota de rodapé para manifestar a pronúncia com objetivo de uma leitura mais fluida. Quando “cui/queer”, ler somente uma vez, tendo em vista a semelhança da sonoridade.

Tendo em vista isso, adianto aqui o aspecto incoerente deste trabalho, começando com o sujeito que vos fala. Um sujeito singular mas também muito plural, um sujeito que tem seus pronomes flexíveis e que não pretende afirmar verdades absolutas. Um sujeito que se debruça em ficções mas não como ilusões e devaneios, e sim uma ficção política e visionária, como a elaborada por Walidah Imarisha⁴ e também na forma que Freire pensa a educação através do sonho possível:

A questão dos sonhos possíveis [...] tem que ver com a educação libertadora enquanto prática utópica. Mas não utópica no sentido do irrealizável; não utópica no sentido de quem discursa sobre o impossível, sobre os sonhos impossíveis. Utópica no sentido de que é esta uma prática que vive a unidade dialética, dinâmica, entre a denúncia e o anúncio [...]. (Freire, 1982, p. 100)

Ainda sobre a incoerência desse sujeito, afirmo isso no sentido de respeitar a sua desuniformidade, sua inconsistência como potência da mudança e de se permitir ser atravessado. Peço que não me levem a sério esperando certezas ou verdades absolutas mas também que me levem muito a sério na profundidade do presente. Traço aqui uma relação com a carga pejorativa que é vinculada a expressões como “coisa de criança” ou “você está sendo infantil”, em que é desvalidada a visão das crianças a respeito de seus sentimentos e vontades em comparação com a vivência do adulto regada de razão, domínio e bagagem. Assim, busco o olhar da infância como referência para uma pesquisa imaginativa e fluida.

Para dar continuidade à construção do eu nesse texto, apresento aqui o caráter coletivo da pesquisa pela metodologia da colagem, trazendo a todo instante pensadores outres para comporem essa reflexão comigo. Eu queria conseguir realizar esse trabalho sozinho, afinal sempre foi mais fácil me organizar individualmente na minha bolha, até que reconheci junto de Jota Mombaça, e tantos pares importantes da minha jornada, que *eu me importo com perceber de que modo sentir ou perceber o mundo é uma atividade coletiva*⁵ e que, a partir do momento que eu experienciei o fazer educação coletivamente, não consegui descolar. A respeito desse “fazer educação coletivamente”, vivencio tanto na possibilidade de encontros pedagógicos em que a figura professoral não é centralizada em uma pessoa única; mas também no imaginar a construção de conhecimento de forma

⁴ Ver capítulo 2 deste tcc.

⁵ Fala de Jota Mombaça na entrevista para a bienal em 2021.

coletiva, entendendo a sala de aula não como 40 estudantes e 1 professore e sim 41 pessoas em situação de aprendizagem⁶.

Para arrematar a apresentação do sujeito, considero importante pontuar, para além do caráter metodológico da colagem de reflexões de outres (bastante presente nesse texto pelo uso de citações), os caminhos de quem assina a autoria do texto⁷. Sou Laurinha, mas também sou Leo, uma pessoa trans não-binária branca, de 24 anos, nascida e crescida na cidade de São Paulo e inserida na academia pela graduação em Artes Visuais pela UNESP desde 2018. Cresci em um bairro relativamente central e frequentei escolas particulares construtivistas durante a minha vida escolar. Recente na pesquisa teórica das performatividades de gênero, mas frequente na pesquisa prática do que é crescer e se reconhecer como um corpo dissidente. Vivo hoje principalmente a atuação na educação e acredito nela como a minha maior ferramenta política.

Dessa forma, esse trabalho parte de um local carregado de bibliografias outras, mas também autobiográfico em diversos sentidos e estruturar essa pesquisa foi intenso tendo em vista que minhas vontades e desejos com esse trabalho são muito presentes na minha experiência de vida. Nomeando um desses sentidos trago aqui a experiência estética com a forma que me visto e habito o mundo como peça fundamental para pesquisar a performance de gênero e as possibilidades do pensamento cuir/queer no vestir.

Sobre a estrutura do trabalho, como dito, iniciaremos com uma pesquisa sobre o conceito cuir/queer, momento que iremos passar por pesquisadores referência da teoria queer, como Judith Butler, Paul Preciado, Jack Halberstam, Bash Back; e também pensadores que investigam as aplicações da teoria nos diversos contextos, pensando recortes territoriais, raciais, temporais e de classe

⁶ Frase de Andreza Nunes que tive contato pela professora Rita Bredariolli durante uma reunião do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) em 2018. Mais sobre a pesquisa de Andreza pode ser encontrado em <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/143081/cruz_anr_me_ia.pdf?sequence=3> acesso em 10 nov. 2023.

⁷ A vontade de apresentar mais objetivamente o contexto de quem fala surge a partir do texto “Para desaprender o queer dos trópicos: desmontando a caravela queer”, em que Jota Mombaça comenta sobre a utilização por parte de Pedro Paulo Gomes Pereira em “Queer nos trópicos”, de vivências outras para contribuir com as reflexões acerca do queer no entanto, de uma forma que acaba acarretando em “um apagamento sistemático das próprias marcas corpo-políticas de quem escreve”(Mombaça, 2016).

dentro da comunidade LGBTQIAP+⁸, como Luisa Amaral, Jota Mombaça e abigail Campos Leal, onde irei discorrer mais a respeito dos outros nomes para a teoria, como cuir, queer of color, quare, sudaka, teoria cu, cucaracha, kuir, entre outros.

Com isso, é num segundo momento do texto que as reflexões a respeito da teoria cuir/queer encontrarão a pesquisa pedagógica, trazendo referências da educação de forma geral como Paulo Freire e bell hooks, seguidas por pessoas que pensam as pedagogias pelo olhar cuir/queer como Guacira Lopes Louro e Val Flores⁹. Este momento também preparará o terreno para as pesquisas práticas que compõem esse trabalho, desenvolvidas a seguir.

No último momento deste estudo, munido das reflexões teóricas, parto para explorações práticas ao propor, registrar e relatar oficinas de montagem¹⁰. A partir de referências como “A criança é performer” de Marina Marcondes Machado e Leda Maria Martins, busco explorar pedagogias cuir/queer e pretendo, por meio da experimentação estética e corporal, investigar as potencialidades do ser performático através da fantasia e do “brincar de ser outros”. Busco transformar o conceito da “montagem”, para além do seu sentido muito popularizado na cena drag, em uma ferramenta para a exploração da nossa criatividade, plasticidade e formas de habitar o mundo.

Com isso, finalizo essa introdução e convido você para mergulhar nesse texto. Se permitindo ser afetado, reconhecer semelhanças, discordar, amar e odiar; que esse texto te mantenha ativo e pensante. Gosto de pensar a minha forma de escrever como uma grande conversa de bar, em que você vai entrando, se entregando aquela conversa e transbordando toda a sua bagagem, de forma intensa, profunda e que diz do outro ao mesmo tempo que diz sobre si.

⁸ LGBTQIAP+: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais e o símbolo do + que representa a possibilidade de identidades dissidentes não descritas de se incluírem na comunidade.

⁹ Pontuo aqui a vontade que acabou não sendo concretizada, por falta de tempo, de trazer a pesquisa de Maria Clara Araújo dos Passos em seu livro “Pedagogia das travestilidades”.

¹⁰ Conceito frequentemente utilizado no universo drag; representa o ato de “se montar”, inicialmente pensando em vestir roupas, perucas, acessórios, mas nesse trabalho expandindo para esse momento de criação estética pensando o corpo como superfície.

1. Teorias anti esclarecedoras para o cuir/queer

Neste capítulo, me alimento do desejo de apresentar os conceitos do cuir/queer a partir de contextos diversos, começando pelo surgimento da palavra queer como entendemos hoje. Aqui reúno um apanhado de referências um tanto ambicioso para conceituar o termo, acompanhado de outros pesquisadores que almejam essa difícil tarefa, entre eles, empresto recorrentemente relações tecidas na pesquisa de Luisa Amaral em seu livro “Por uma ética queer”, lançado em 2023¹¹.

Iniciamos com uma tradução literal do conceito advindo da língua inglesa. Segundo o dicionário digital Michaelis, uma das definições da palavra *queer* seria: esquisito, ridículo, fantástico, estranho; e é a partir dessa definição que, num contexto cis-heteronormativo¹², a comunidade LGBTQIAP+ começa a ser referida como tal. Durante muito tempo, o queer foi entendido como algo pejorativo, um xingamento e uma maneira de diferenciar a forma LGBTQIAP+ de existir das formas normativas, formas essas que definiriam desde como se vestir e se relacionar, à como construir a sua vida e com o que sonhar. Com isso, ao longo dos anos o termo foi sendo ressignificado pela comunidade e transformado em uma palavra de resistência que abarca modos outros de experienciar a vida: uma vivência queer.

A respeito desse modo outro de experienciar a vida, trago aqui reflexões de Jack Halberstam a respeito do conceito da temporalidade queer:

As subculturas queers produzem temporalidades alternativas na medida que possibilitam aos seus o acreditar que seus futuros podem ser imaginados de acordo com lógicas que se encontram externas aos paradigmas marcadores da “experiência da vida”, como nome, nascimento, casamento, reprodução e morte (Halberstam, 2005, p. 2)

Ainda a respeito da busca de uma definição para o queer, empresto aqui um pouco da mentalidade exposta na coleção de ensaios “Bash Back! ultraviolência queer” por Fray Baroque, que na introdução define sua visão do queer na

¹¹ Importante indicar a data de publicação para ressaltar o caráter vivo dessa pesquisa, com referências latentes e uma elaboração contínua.

¹² Cis: pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi designado no nascimento.

Hetéro: pessoa que se relaciona afetiva-sexualmente com pessoas do sexo oposto (pensando no contexto binário homem-mulher).

perspectiva do *embaçamento das sexualidades e identidades de gênero*, como uma *recusa as identidades fixas, uma guerra contra todas as identidades* ¹³.

Pensando num traçado histórico do conceito, foi a partir de estudos de gênero e feministas que foi se consolidando o que hoje chamamos de teoria queer, consolidada na pesquisa de diversas filósofes entre elas Judith Butler, filósofe pós-estruturalista norte-americana, que desenvolveu a sua pesquisa a partir dos feminismos e da ideia que gênero é uma construção performativa. Butler aponta os limites da política essencialista que no feminismo buscava uma identidade comum estável e coerente para a mulheridade, encontra nessa tentativa um embate tendo em vista os diversos contextos sociais, raciais e territoriais que diferenciam as vivências das mulheres ao longo do tempo e espaço, entendendo as categorias de identidades ligadas ao gênero mais como algo construído e moldado do que algo essencial à nossa existência.

Assim, sob influência da definição de “biopoder” de Foucault, Butler elabora acerca de como o nosso gênero é construído mesmo antes de nascermos, ao escolher nomes, vestes e até projetando desejos específicos, como “ai, sempre quis ter uma garotinha”, a partir de exames de ultrassom, por exemplo. A respeito dessas definições biológicas, também é importante pontuar a necessidade de entender esse campo como classificador, que apesar de lidar com dados materiais têm suas interpretações e parcialidades quando se busca entender o que é inato de determinado gênero. Quando nascem crianças e designamos o seu gênero, designamos seu modo de se vestir, comprimento do seu cabelo, formas de brincar e se relacionar com o outro, e a partir desse momento, cada ação afirmando ou negando essas imposições, são atos performativos de gênero.

Esses atos determinam as relações que estabelecemos e nos organizam por meio da matriz heterossexual, como um regime de poder que define os sujeitos em relação ao outro, seja da mulher em relação ao homem ou do queer em relação ao hetero. Se estabelece então a categoria do outro, do estranho, do queer, a partir do “não eu”, por meio das rejeições de atos performativos esperados pelos corpos que fogem da norma e das subversões e desestabilizações dessas categorias.

Apesar do importante papel de Butler na formação da teoria queer, é necessário pontuar que o conceito queer aparece pela primeira vez na academia

¹³ Tradução minha de: “*We view queer as the blurring of sexual and gender identities. Queer is the refusal of fixed identities. It is a war on all identity*” (Baroque, Eanelli, 2011)

por meio do texto da feminista italiana Teresa de Lauretis com o artigo: “Teoria queer: sexualidades lésbicas e gays: uma introdução” em 1991, apesar de já aparecer o assunto sendo pesquisado em outros textos como “La Frontera” de Glória Anzaldúa, em 1987.

Outre importante pesquisadore para consolidação da teoria queer é Paul Beatriz Preciado, filósofo espanhol que escreveu diversos ensaios e livros, entre eles o “Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual”. Publicado em 2000 e traduzido para o português em 2015, o manifesto define a contrassexualidade como o fim da ideia de que os corpos são regidos por uma Natureza inerente ao ser em oposição a uma ordem que “legitima a sujeição de certos corpos a outros” e propõe a assinatura de um “contrato contrassexual”. Esse contrato convoca o fim do corpo como entendemos e conscientização dos marcadores de gênero como tecnologias; e explora nas falhas o potencial de transgressão.

No mais, a pesquisa de Preciado é relevante na medida que busca modificar as posições de enunciação “tirando-nos da posição de objeto para sermos sujeitos que moldam suas subjetividades e se definem em seus próprios termos” (Amaral, 2023, p. 83), nomeando as “multidões queer”:

O corpo não é um dado passivo sobre o qual age o biopoder, mas antes a potência mesma que torna possível a incorporação prostética dos gêneros. A sexopolítica torna-se não somente um lugar de poder, mas, sobretudo, o espaço de uma criação na qual se sucedem e se justapõem os movimentos feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros, chicanas, pós-coloniais... As minorias sexuais tornam-se multidões. O monstro sexual que tem por nome multidão torna-se queer. (PRECIADO, 2003)

Com essas produções, o termo vem sendo difundido na academia, no entanto, como citado no início do capítulo, é no cotidiano das vivências anti-normativas que o queer foi reconhecido como ferramenta de resistência e pesquisa política, na luta e na rua. Como afirma Bernini, as teorias queers “são também, e acima de tudo, formas de conhecimento ativista que foram desenvolvidas por pessoas diretamente envolvidas nas políticas de sexualidade, cujos principais interlocutores foram os movimentos políticos de minorias sexuais”(Bernini apud Amaral, 2023, p. 9). Sendo assim, importante ressaltar o que Luisa Amaral pontua a respeito da relevância da pesquisa acadêmica queer:

[...] a teoria queer produzida na academia mantém o seu valor na medida em que permanece próxima das diferentes lutas e mobilizações e de

necessidades e prioridades concretas de subjetividades queers, assim como de suas questões e dilemas. (Amaral, 2023, p. 21)

Dessa forma, em seguida iremos passear por outros recortes territoriais e temporais que pensaram e pensam o cuir/queer, elaborando outros nomes possíveis e formas de pensar criticamente cada caso.

1.1 Nomes possíveis

Resgatando o contexto do surgimento do uso do termo, com ressalto à Crise de AIDS nos Estados Unidos, usar esse nome fez e faz muito sentido tendo em vista que foi cunhado na língua inglesa pela ferramenta da re significação do que era um insulto e uma forma de marginalizar sujeitos desviantes da norma. Sendo assim, a partir daqui essa pesquisa toma o rumo de entender como o queer chega em outros corpos e territórios, almejando uma visão ampla que envolve a conjuntura interseccional da raça, classe, gênero e sexualidades, a fim de questionar o caráter plural do termo e suas raízes em contextos de hegemonia cultural, desde o nascimento e desenvolvimento do termo nos Estados Unidos à sua propagação em países europeus. Ainda que, a respeito dessa “origem”, a pesquisa de Leandro Colling nos lembre que “é muito difícil pensar que exista uma nacionalidade específica para os estudos queer, pois eles são fruto de uma suruba de reflexões, ideias e ativismos de diferentes contextos e localidades” (Colling, 2015, p. 181).

Ainda sobre o contexto de surgimento, o queer é comumente relacionado a imagem de homens cis estadunidenses brancos, classe que possui grande protagonismo dentro da história e comunidade LGBTQIAP+. Esse protagonismo é acompanhado também de casos de transfobia e invisibilidade de outras letras da sigla, o que, apesar de não ser uma premissa, influenciou a visão sobre o termo, principalmente fora do contexto estadunidense.

No trabalho “O que é essa coisa chamada Queer?” (What is this thing called Queer?) de Cherry Smith, são apresentadas algumas citações de pessoas se posicionando a respeito do conceito queer e com qual definição mais se identificam, cito algumas:

“Eu amo ‘queer’. ‘Queer’ é um homossexual de qualquer sexo. É mais conveniente do que dizer ‘gays’, que precisa ser definido, ou dizer

'lésbicas e homens gays'. É um termo extremamente polêmico porque é o que nós dizemos que somos, que é 'foda se'." Spike Pittsberg

"Eu geralmente me defino como 'gay'. Eu não vou usar o queer porque não faz parte do meu vocabulário - mas não tenho nada contra o seu uso. E o mesmo debate acerca de nomes acontece na comunidade preta. Nomear é poderoso. Pessoas pretas e gays se nomeando constantemente é uma forma de deslocação do poder dos brancos e héteros, respectivamente." Inge Blackman

"Eu sou mais inclinada a usar a definição 'black lesbian', porque quando uso a palavra 'queer' eu imagino homens gays brancos" Isling Mack Nataf

"Eu digo 'I'm KHUSH', e isso surge conversando com homens gays indianos e lésbicas indianas e percebendo que nós queremos encontrar outra palavra para nós mesmos que venha da nossa própria cultura. Mas eu já usei 'queer' em contexto com outros 'queers'." Pratibha Parmar (Smith, 1996, p. 2.)¹⁴

Com isso, apesar de os conceitos terem definições próprias, a recepção que eles têm nas comunidades são extremamente importantes de serem reconhecidas como fonte de desconforto e vontade de buscar outras definições. No caminho do que afirma Inge Blackman, na segunda citação, nomear é um ato político de resistência perante o outro definindo nosso corpo, é tomar o discurso sobre nossas vidas e escrever nossas histórias.

1.1.1. Queer of color e quare

Como podemos ver nas citações acima do texto de Smith, o queer frequentemente é associado à homonormatividade branca de classe média e é nesse contexto que urge a necessidade de revisões acerca da teoria queer em visões que contemplem em sua integralidade as suas propostas éticas. Se a teoria queer se posiciona no lugar de abarcar experiências sociais diversas e anti normativas, ela falha em diversos momentos ao não carregar uma produção

¹⁴ Tradução minha de "I love queer. Queer is a homosexual f either sex. It's more convenient than saying 'gays' which has to be qualified, or 'lesbians and gay men'. It's an extremely useful polemic term because it is who we say we are, which is, 'Fuck You'. Spike Pittsberg", "I define myself as gay mostly. I will not use queer because it is not part of my vernacular - but i have nothing against its use. The same debates around naming occur in the 'black community'. Naming is powerful. Black people and gay people constantky renaming ourselves is a way to shift power from whites and hets respectively. Inge Blackman", "I'm more inclined to use the words 'black lesbian', because when I hear the word queer I think of white, gay men. Isling Mack-Nataf" e "I say 'I'm KHUSH', and that's from talking to Indian gay men and lesbians and finding that we want to find another word for ourselves that comes from our own culture. But I have used queer in the context of other queers. Pratibha Parmar".

interseccional, que pense gênero, raça, etnicidade, regionalidade e classe de forma indissociável.

Com isso, surgem diversas críticas a respeito da produção queer majoritariamente branca e acadêmica, por parte de teóricos como Cathy Cohen, por exemplo. Cohen diferencia a “queer theory” das “queer politics”, na medida que a “queer theory” acaba por reforçar a binariedade ao fomentar a dicotomia entre heteronormatividade e o “queer” como todos os outros modos de estar; enquanto as “queer politics” estão tratando do cotidiano e das realidades marginalizadas:

“É na intersecção da opressão e da resistência que se encontra o potencial radical queer de desafiar e unir todos considerados marginais e os comprometidos com as políticas libertadoras.” (Cohen, 1997, p. 440)¹⁵

Com isso, apesar de revisões que insiram as discussões do queer of color, a teoria queer ainda se estrutura de uma forma que “por vezes assume contornos individualistas, ao presumir uma independência material que autoriza o desprezo de relações histórica e culturalmente reconhecidas com as comunidades periféricas.”(COHEN apud WEIMER, p 218, 2005).

Pensando nisso, E. Patrick Johnson é um teórico norte-americano que, a partir da conversa com sua vó, começa a elaborar o “quare”. Quare no literal seria a forma que a avó de Johnson se refere a algo estranho, irregular, fora do normal e no subjetivo, quare seria uma ferramenta transformadora dessa teoria em algo mais próximo de sua cultura. Dessa forma, “ ‘quare’ possibilita um modo de criticar as noções estáveis de identidade e, ao mesmo tempo, localizar os saberes de raça e classe.”(Johnson, 2005¹⁶) não focando somente na questão performativa do gênero mas também nos contextos históricos e questões de sobrevivência perante o capitalismo racial. De forma a “queerificar” os estudos pretos e “quareficar” os estudos queer (Johnson, Henderson, 2005¹⁷).

¹⁵ Tradução minha de “At the inter section of oppression and resistance lies the radical potential of queerness to challenge and bring together all those deemed marginal and all those committed to liberatory politics”.

¹⁶ Tradução minha de “ ‘Quare’ offers a way to critique stable notions of identity and, at the same time, to locate racialized and class knowledges”.

¹⁷ Tradução minha de “Queering black studies/ “quaring” queer studies”.

1.1.2. Queer dos trópicos, queer sudaka

Apesar dos principais referenciais da dita teoria queer estarem localizados ao norte do globo, uma das primeiras elaborações na academia acerca da teoria foi elaborada pela feminista chicana¹⁸ Gloria Anzaldúa e foi intitulada “La Frontera” (A fronteira), publicada em 1987. Nesse texto, Anzaldúa levanta uma discussão acerca de uma consciência “mestiza”, que se refere a sua experiência como mulher, chicana, indígena e lésbica num contexto fronteiriço. Assim, se posiciona num lugar antiessencialista mas que busca situar o queer em seus contextos culturais, raciais e de classe.

Apesar desse contexto de Anzaldúa, como visto acima neste capítulo, a teoria queer se estabeleceu no norte do globo e chega na América Latina de forma distanciada. Assim, o termo sudaca ou sudaka, usado na Espanha de forma pejorativa para denominar as pessoas nascidas na América do Sul, é adotado de forma ressignificada, assim como no caso do queer. Com isso, é esboçada uma teoria queer sudaka.

No Brasil, a emergência de pensar os caminhos da teoria queer na dita América Latina aparece no trabalho de diversos pesquisadores, entre eles o texto “Queer nos trópicos” de Pedro Paulo Gomes Pereira em que questiona os limites da teoria queer e se é possível articulação com os estudos decoloniais. No entanto, apesar de criticar o caráter acadêmico e distante das contextualizações históricas, sociais e culturais corporificadas; da pesquisa de alguns teóricos queer, “Queer nos trópicos” não se afasta tanto dessa posição como é desenvolvido por Jota Mombaça em “Para desaprender o queer dos trópicos: desmontando a caravela queer”(2016).

Acompanhando o paralelo que traça Mombaça, apresento a pesquisa da chilena Hija de Perra, definiu sua relação com o queer desta forma:

Sou uma nova mestiça latina do Cone Sul que nunca pretendeu ser identificada taxonomicamente como queer e que agora, segundo os novos conhecimentos, estudos e reflexões que provém do Norte, encaixo perfeitamente, para os teóricos de gênero, nessa classificação que me propõe aquele nome botânico para minha mirabolante espécie achincalhada como minoritária. (Perra, 2015, p. 3)

¹⁸ Pessoa norte americana com ascendência mexicana.

Assim, nos relata sobre as diferenças em dizer teoria bicha e teoria queer, por exemplo, que se dá “pela falta de tensões que provoca sua recepção nos espaços acadêmicos locais, que não veem na nomenclatura um perigo ou questionamento, mas uma glamorosa nova fórmula de saber exportada dos Estados Unidos”(Perra, p. 6, 2014) e então “oferece pistas para a composição de uma genealogia marica, que deveria começar por investigar as imemoriais práticas não-binárias e sexo desviantes das comunidades indígenas” (Leal, 2021, p.59).

Ainda nesses contextos, abigail Campos Leal desenvolve o entendimento de travestilidades sudakas a partir das produções literárias da argentina Suzy Shock e da chilena Claudia Rodriguez. A respeito dessa travestilidade, e a partir dos conceitos da monstruosidade, da tragaydia¹⁹ e do fracasso, entende que “é atravessada pelo esfacelamento, mas também pela experimentação e criação” (Leal, 2021, p. 31).

1.1.3. Cuir/kuir

Surgindo do contexto sudaka, o uso do cuir ou kuir não se tem ao certo um nome criador porque não surge como uma outra significação “mas como uma nova forma de escritura, que busca criar múltiplas ferramentas de agenciamento por meio de políticas linguísticas que reflitam o interesse coletivo de uma geopolítica do Sul.”(Valencia, 2023, p. 30).

Para além da sonoridade, trazer o conceito para as línguas majoritárias do sul americano (espanhol e português), é reconfigurar a fala para e das periferias, sejam elas periferias territoriais, econômicas, raciais, de gênero ou sexuais. Logo, “o cuir é um projeto (geo)político e ético, não apenas estético e prostético.” (Valencia, 2023, p. 33).

A partir do cuir surgem também outras palavras, que caminham próximo dos sentidos do queer of color, como cuíerlombo e cuíeraspora elaboradas por Tatiana Nascimento.

¹⁹ Conceito elaborado por abigail Campos Leal a partir do imaginário da tragédia na arte cuir como “arte de afirmação da vida”.

1.1.4. Teoria cu - cucaracha

Similar ao cuir, a elaboração de uma teoria cu surge na pesquisa de Larissa Pelúcio, que investiga como a produção teórica de Preciado cabe nos contextos brasileiros. Acerca da teoria afirma:

Quando falo em teoria cu, mais que uma tradução para o queer, talvez eu esteja querendo inventar uma tradição para nossos saberes de cucarachas. Tentativa de evidenciar nossa antropofagia, a partir da ênfase estrutural entre boca e ânus, entre ânus e produção marginal.(Pelúcio, 2016, p. 127)

Diretamente relacionada com o Manifesto Contrasexual, empresta o “cu” do órgão “nunca suficientemente limpo, jamais silencioso”(PRECIADO) mas também de cucarachas, palavra em espanhol para baratas que, assim como queer em sua origem, carrega um teor pejorativo que era utilizado para se referir a imigrantes latino-americanos nos Estados Unidos.

Em complemento, teoria cu também se refere ao contexto periférico das produções de saber latino-americanas, brincando com a geopolítica do “cu do mundo” e sobre isso discorre:

Talvez nossa própria experiência fronteiriça tenha nos sensibilizado para essa produção marginal, subversiva, forjada pela força rasteira dos que sempre necessitaram enfrentar os inseticidas morais para sobreviver.(Pelúcio, 2016, p. 134)

1.1.5. Brasil - estudos transviados, não binariedades e travestilidades

Para pensar o cuir no Brasil trago novamente Jota Mombaça, que se relaciona com o lugar desta classificação na medida que traz a ideia de uma ruptura com o domínio da representação ao entender corpos dissidentes como lugares de tensão, de incômodo e sua existência performática como rebelião. Assim, Mombaça sugere uma retomada do poder narrativo sobre si mesmo e elaboração das nossas histórias, e no caso que estamos trazendo, dos nossos nomes.

Nesse caminho, Berenice Bento, propõe a expressão “estudos transviados”:

A minha língua tem que fazer muita ginástica para dizer queer e não sei se quem está me escutando compartilha os mesmos sentidos. Ser um transviado no Brasil pode ser “uma bicha louca”, “um viado”, “um travesti”, “um traveco”, “um sapatão”(BENTO, 2017, p. 249)

Bento ainda reafirma a importância desses estudos não serem reduzidos a bolha acadêmica e que não esqueçamos que “nasce com o ativismo, tensiona os

limites do considerado normal e abre espaço para uma práxis epistemológica que pensa novas concepções de humanidade” (BENTO, 2017, p. 249).

A respeito de outros nomes brasileiros para identidades queers, quero pontuar também as presenças transmasculinas, como boycetas e identidade bixa travesty. Sobre presenças transmasculinas, indico a Revista Estudos Transviades e sua produção atual referente a vivências das transmasculinidades. Sobre a identidade Bixa Travesty, indico o filme de mesmo nome sobre a trajetória da cantora Linn da Quebrada, dirigido por Claudia Priscilla e Kiko Goifman.

2. Pedagogias cuir

A partir da minha vivência como pessoa cuir/queer e munide dos relatos e reflexões de tantes outres²⁰, neste capítulo investigamos como essas teorias e existências chegam no campo da educação, para isso, início com uma reflexão sobre o lugar da educação para mim.

Ao pensar a educação e seu papel na construção das nossas relações, acredito no entendimento da pedagogia como reflexão constante acerca do que experienciamos, ou seja, da valorização da educação informal e da vida como nossa principal professora. Para que essa metodologia se concretize, é importante o consentimento de se colocar como um corpo entregue, que permite afetar e ser afetade pelas trocas.

Nesse sentido, cito também a concepção de educação das crianças nas comunidades Guarani, explicada aqui por Sandra Benites:

“Nós Guarani aprendemos ouvindo, observando, praticando, acompanhando os mais velhos, sejam eles kyringue²¹ mais adultos, ou nossos pais, avós, tios. A criança tem que escutar, sentir, observar e isso é feito na prática, através das experimentações desde pequenas. [...] É assim que aprendemos, que conhecemos.” (Benites, 2015, p 27)

Apesar de partir do espaço-tempo da infância, essa definição explora essa valorização do aprendizado a partir das nossas experiências, assim como Jorge Larrosa ao afirmar que “A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida” (LARROSA, 2002, p. 27).

Com isso, a educação que acreditamos é uma educação transgressora e libertária, que não se finda em si mesma, que abre portas e explode paredes, e que não conseguimos percorrer sem falar sobre hooks e Freire.

Paulo Freire foi um educador pernambucano que potencializou a educação como prática de liberdade, uma prática que vai contra o que define como “educação bancária” e em busca de uma “conscientização” e engajamento crítico com a prática. Com o compromisso com um processo político educacional descolonizador, Freire se debruçou na pesquisa da alfabetização de adultos a partir

²⁰Cf. capítulo “teorias anti esclarecedoras para o cuir/queer” deste TCC.

²¹ Crianças de dois até os doze/treze anos.

de suas realidades e culturas, assim possibilitando a leitura e a escrita como instrumentos de transformação social e libertação das classes oprimidas.

Coexistentemente, bell hooks foi uma teórica feminista, professora, ativista antiracista, norte americana, amplamente influenciada por Paulo Freire, o que podemos constatar até mesmo pelo título do seu livro “Ensinando a transgredir: A educação como prática de liberdade”. Assim, hooks se importa com a concepção de uma pedagogia transformadora, que pensa a democratização dos saberes ao criar ambientes de reconhecimento em que há desejo na aprendizagem e que todos são responsabilizados por essa construção. Comprometida com o enfrentamento do desafio do multiculturalismo, hooks afirma que o mesmo “obriga os educadores a reconhecer as estreitas fronteiras que moldaram o modo como o conhecimento é partilhado em sala de aula” (hooks, 1994, p. 63).

Com isso, quando falamos sobre educação transgressora como prática da liberdade, falamos sobre transformação e consequentemente, sobre destruição, destruição de uma visão de mundo e educação já estabelecida. Uma destruição para que outras possibilidades floresçam. A respeito disso, empresto aqui o trabalho visual de Pepi Lemes e o poema de Adrien Rich citado por bell hooks no seu livro Ensinando a Transgredir.

No capítulo “A língua - Ensinando novos mundos/novas palavras” bell hooks resgata o poema “The Burning of Paper Instead of Children” (Queimar papel invés de crianças) que inicia com um relato de indignação diante da ação de queimar livros, cena que nos remete a regimes totalitários, censura e repressão. No entanto, o poema apresenta uma reflexão sobre o caráter opressor de linguagens dominantes e um contraponto a essa angústia na medida que “falando contra a dominação, o racismo e a opressão de classe, procura ilustrar de modo claro que pôr fim à perseguição política e à tortura de seres vivos é uma questão mais vital que a censura, que queimar livros” (hooks, 1994, p 223). Tendo em vista isso, penso também na importância da revisão e atualização das “bibliotecas”²² que criamos e estabelecemos como clássicos.

Em um caminho parecido, relaciono o trabalho “EDUCAÇÃO COM ARTE / Explosões nos espaços de ensino” de Pepi Lemes, elaborado em 2018. Como definido pelo artista, a pesquisa “propõe uma reflexão acerca do que representa e

²² Ler “bibliotecas” não somente como espaços físicos e sim pensar nos nossos acervos de referência, os cânones e bibliotecas inconscientes.

o que é a escola” e a partir disso a “explosão em uma perspectiva contra-educativa”. A obra é um vídeo em formato de uma apresentação em que Pepi elabora uma colagem áudio-visual que expõe reflexões e indagações junto de imagens e sons dessa escola a ser destruída e do imaginário acerca de explosões, por exemplo o queimar e o fogo. Como nas imagens a seguir:

Figura 1

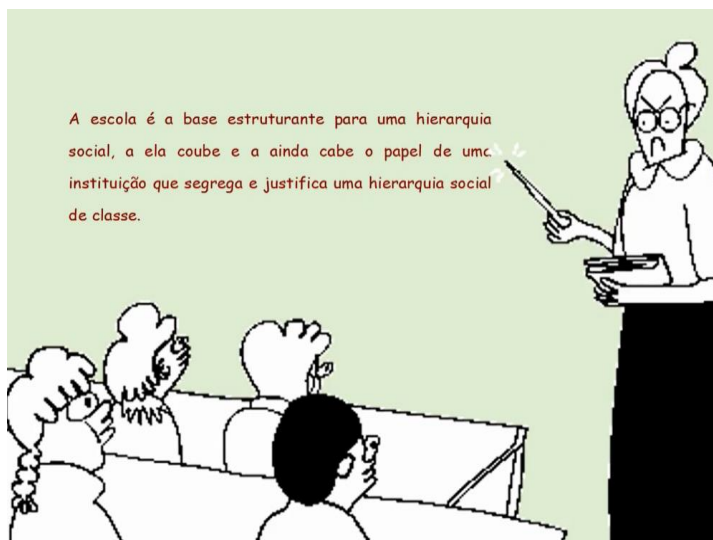


Figura 2

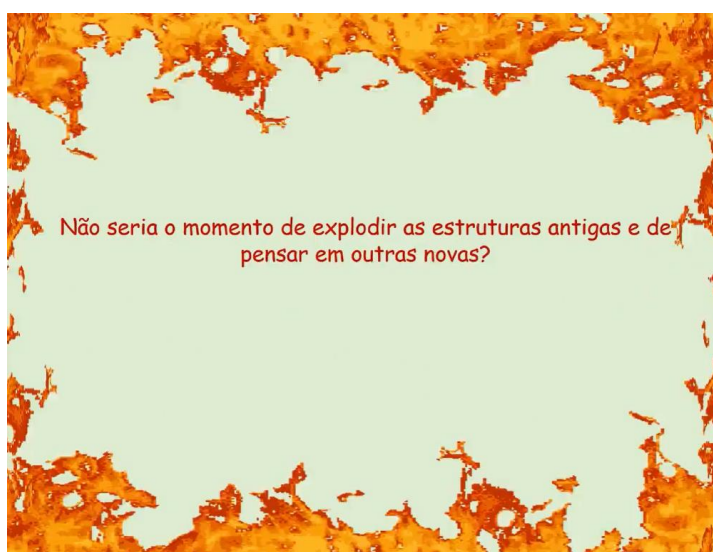


Figura 3

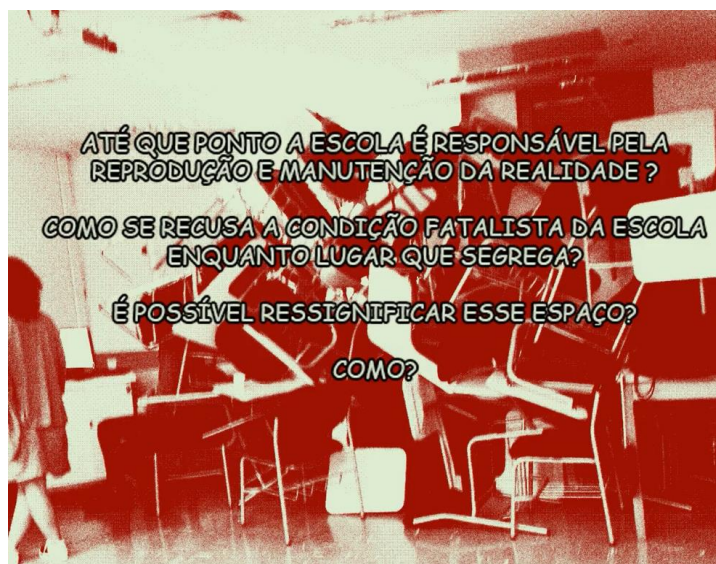


Figura 4



Figura 5



Figura 6

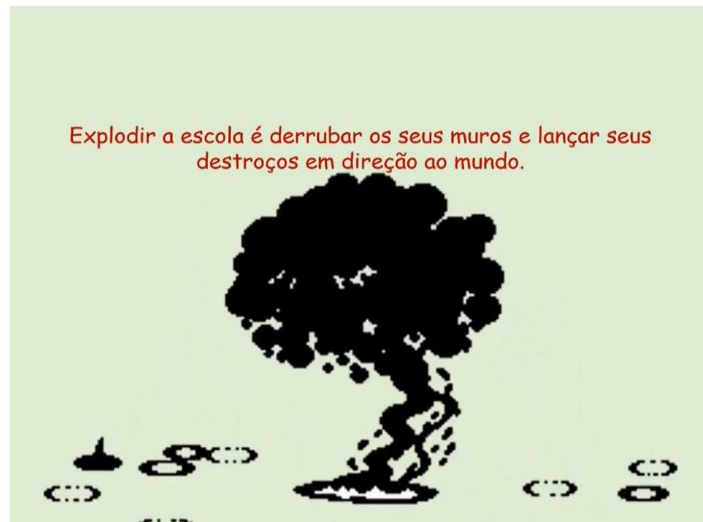


Figura 7

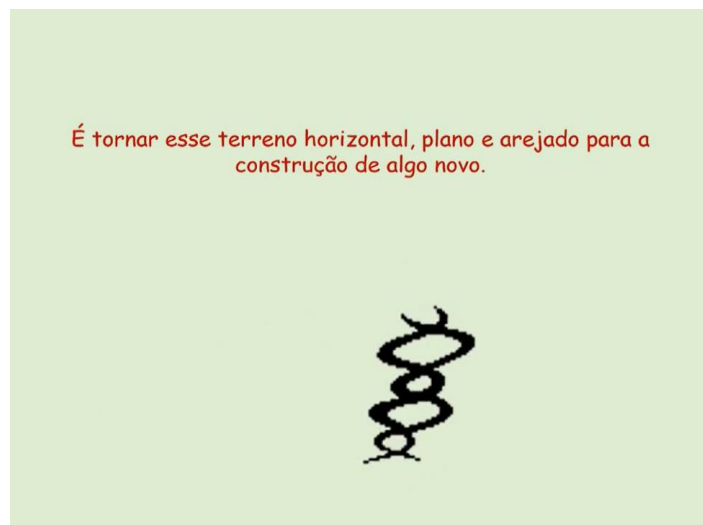
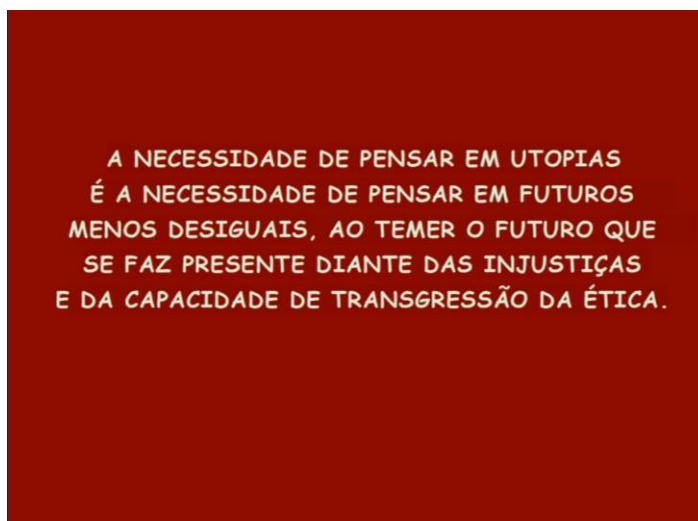


Figura 8



Figura 9



Figuras 1 a 9: Frames da video-arte “EDUCAÇÃO COM ARTE / Explosões nos espaços de ensino” de Pepi Lemes, 2018.

Na apresentação deste trabalho, Pepi Lemes questiona “Será que a inviabilidade de explodir as escolas.... Todas as escolas, torna menos relevante o seu pensamento? Não seria exemplar justamente na possibilidade em se projetar algo?”. Essa reflexão me traz a ideia de utopia de Eduardo Galeano, que elabora sobre a distância do almejado e sua importância para que continuemos caminhando, e também as noções de ficção política e visionária que Walidah Imarisha apresenta em seu texto “Reescrevendo o futuro: usando ficção científica para rever a justiça”:

A ficção visionária oferece aos movimentos por justiça social um processo por meio do qual explorar a criação de novos mundos (embora não seja em si uma solução - e é aí que entra o trabalho prolongado de organização comunitária). Eu propus o termo “ficção visionária” (visionary fiction) para abranger os modos de criação entre gêneros literários fantásticos que nos ajudam a elaborar esses novos mundos. Esse termo nos lembra de sermos completamente irrealistas em nossas organizações, porque é somente por meio da imaginação acerca do assim chamado impossível que podemos começar a concretamente construí-lo. Quando liberamos nossas imaginações, questionamos tudo. Reconhecemos que nada disto é fixo, que é tudo poeira estelar, e que nós temos a força para moldá-lo do modo que o fizermos. Para parafrasear Arundhati Roy: outros mundos não apenas são possíveis, mas estão vindo - e já podemos ouvi-los respirar. É por isso que a descolonização da imaginação é o mais perigoso e subversivo de todos os processos de descolonização. (Imarisha, 2016, p. 4)

Abro aqui um parênteses evidente do meu hoje. Estamos em São Paulo em setembro de 2023, presenciando a 35ª Bienal de São Paulo com curadoria coletiva

e horizontal de Diane Lima, Grada Kilomba, Hélio Menezes e Manuel Borja-Villel. Apresento esse momento pois tenho frequentado o evento e ativações que veem acontecendo e acredito na relevância que a temática “coreografias do impossível” apresenta em relação a minha pesquisa e assim apresento-o como também parte da minha bibliografia.

Ainda sobre a Bienal, cito aqui a palavra de Leda Maria Martins como mote da publicação do educativo “dançar é inscrever no tempo”, a mesa com Denise Ferreira da Silva com Fórum Feminista Negro convida Saidiya Hartman, a conversa sobre infância com Sandra Benites, Regina Aparecida Pereira e Cíntia Aparecida Delgado; a fala de Françoise Vergès e a conversa com o Colectivo Ayllu na Sauna Lésbica. Resumidamente, de Leda carrego o corpo-performance e suas inscrições no tempo, referência que será aprofundada no capítulo a seguir deste trabalho; da conversa com Denise e Saidiya, carrego o “fim” para esse mundo de capitalismo racial e injustiça social e as ferramentas para coreografar o impossível; da conversa com Sandra, Regina e Cíntia carrego reflexões sobre as visões da educação em comunidades tradicionais²³, de Françoise carrego os exercícios para a mudança dessa narrativa hegemônica, referência que aparece a seguir neste capítulo; e da conversa com o Colectivo Ayllu carrego os exercícios contra o esquecimento e o entendimento dos corpos racializados e dissidentes como corpos em constante fuga. E a respeito dessa fuga, resgato uma obra de Jota Mombaça, que não compõe a 35ª Bienal mas que alinha algumas dessas bagagens que carrego na minha trouxa:

²³ Tópico que aparece brevemente no início deste capítulo por meio do texto de Sandra Benites.

Figura 10



Figura 10: PAVIMENTO Nº 1: A FUGA SÓ ACONTECE PORQUE É IMPOSSÍVEL, 2021
Pintado por Coletivo Feminino de Arte de Sorocaba (Cofas). 3ª Frestas – Trienal de Artes 2020/21
– O rio é uma serpente, Sesc Sorocaba, Sorocaba, SP, Brasil. Foto: Reprodução

A frase “A FUGA SÓ ACONTECE PORQUE É IMPOSSÍVEL” se contradiz ao apresentar um conceito possível (da fuga) ao mesmo tempo que apresenta uma situação impossível, em que teoricamente não é viável um caminho que não o dado. Elabora então sobre como a fuga, apesar de surgir somente em terrenos áridos, carrega a potência dos que pensam o futuro a partir de ficções e assim novas narrativas.

A partir disso, outra associação a se fazer é traçar um paralelo entre a visão de “fim” desse mundo de Denise Ferreira da Silva com os ensaios de Krenak em “Ideias para adiar o fim do mundo”

Por que nos causa desconforto a sensação de estar caindo? A gente não fez outra coisa nos últimos tempos senão despencar. [...] Vamos aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos. Vamos pensar no espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos.

Há centenas de narrativas de povos que estão vivos, contam histórias, cantam, viajam, conversam e nos ensinam mais do que aprendemos nessa humanidade. Nós não somos as únicas pessoas interessantes no mundo, somos parte do todo. Isso talvez tire um pouco da vaidade dessa humanidade que nós pensamos ser, além de diminuir a falta de reverência que temos o tempo todo com as outras companhias que fazem essa viagem cósmica com a gente. (Krenak, 2019, p 15)

A luta, a fome, a miséria, a sede, nosso corpo aqui projeta uma força que anuncia a morte. A nossa única possibilidade de existir é criar. Como criatura, moldamos condições para fugir das posições de subalternidade.

E estar aqui escrevendo em movimento de dança é se permitir essa fuga. Essa afirmação me movimentou até esse espaço-tempo em que a conta não fecha... A luta, a fome, a miséria, a sede... Repetições da precariedade. “Acumulação negativa, apesar de um oxímoro, descreve perfeitamente esse contexto. (Silva apud Mombaça, Mattiuzzi, 2019, p. 21)²⁴

O trecho de Krenak, localizado numa coletânea que pretende adiar o fim do mundo; e o trecho de Denise, citado no prefácio de “Dívida Impagável” escrito por Jota Mombaça e Musa Michelle Mattiuzzi e seguido da pergunta “E se, em vez de salvar o mundo, pudéssemos enfim dedicarnos a acabar com isto?”; partem de reflexões parecidas, apesar de apresentarem formas distintas de lidar com o fim dos tempos. Entendem o fim deste mundo como um processo que já vem se consolidando a tempos, gerando situações precárias, no entanto, Krenak propõe caminhos para vivenciar essa queda, enquanto Denise grita a impossibilidade de viver nesse mundo e a urgência do mundo novo.

Em consonância com a pesquisa de Denise, buscando caminhos para seguir, encontramos também a produção de Françoise Vergès, que a partir de Franz Fanon, discorre sobre o descolonizar e sistematiza que

O programa de desordem absoluta se faz dia a dia, lentamente, minando as fundações do poder, enfraquecendo-as, fortalecendo-se, aprendendo com os erros, ampliando as lutas, mantendo a curiosidade acesa. Não é um manual de autoajuda que explica tim-tim por tim-tim as doze etapas da descolonização. É um processo longo e difícil no decorrer do qual compreendemos melhor suas problemáticas e estratégias, mas também seus objetivos, alianças e táticas. (Vergès, 2023)

Com isso, munidos da importância da descolonização desse mundo do capitalismo racial e da imaginação para a criação de um novo mundo, seguimos agora os caminhos para conversar mais especificamente sobre as problemáticas do objeto de pesquisa deste trabalho, o cuir/queer, e as estratégias pedagógicas para *manter a curiosidade acesa*.

2.1 A reforma da escola numa perspectiva queer

Diante dessas reflexões e questionamentos, abrimos agora a discussão a respeito dessa destruição ou reforma da escola a partir de uma perspectiva

²⁴ Citação de Denise Ferreira da Silva incluída no prefácio do seu próprio livro por Mombaça e Mattiuzzi.

cuir/queer, resgatando os caminhos que elaboramos no primeiro capítulo. Para isso inicio a pauta com os questionamentos de Guacira Lopes Louro:

Como um movimento que se remete ao estranho e ao excêntrico pode se articular com a Educação, tradicionalmente o espaço da normalização e do ajustamento? Como uma teoria não-propositiva pode 'falar' a um campo que vive de projetos e de programas, de intenções, objetivos e planos de ação? Qual o espaço, nesse campo usualmente voltado ao disciplinamento e à regra, para a transgressão e para a contestação? Como romper com binarismos e pensar a sexualidade, os gêneros e os corpos de uma forma plural, múltipla e cambiante? Como traduzir a teoria queer para a prática pedagógica? (Louro, 2012, p. 550)

Essas perguntas de Guacira nos fazem quase desistir de tentar mudar a forma que as coisas já acontecem mas voltando a pensar nos nossos paraquedas coloridos, o pensar as pedagogias cuir/queer entende que

se o gênero e a educação constroem seus próprios imaginários normativos ou mapas de hegemonia, determinando o que é e o que não é legível dentro de suas fronteiras, a inquietude micropolítica pretende contaminar essas estratégias de espacialização e valorização social do conhecimento, criando as condições de possibilidade de um pensar transbordante das lógicas identitárias das disciplinas e territórios de enunciação (Flores, 2013, p. 226)²⁵

Assim, Val Flores também afirma que, para estruturar essa pedagogia antinormativa é preciso uma constante desconstrução dos nossos próprios pensamentos e desabituar-se das recompensas da normalidade, reconhecendo o conflito como ferramenta passional de frequente reflexão e possibilidade de mudança, de atravessamentos e de uma metodologia que afeta.

Nesse caminho, construímos as pedagogias cuir/queer com o repensar o que se ensina e como se ensina, com o entendimento dos processos educacionais em sua complexa totalidade. Em consonância com essa linha de pensamento relaciono com a pesquisa de Ana Mae Barbosa que, apesar de estar inserida em um contexto diferente dos estudos cuir/queer dissidentes, na sua produção a respeito de metodologias para o ensino da arte sistematiza a Abordagem Triangular, proposta que nasce de um olhar coletivo e que evidencia o caráter democrático nos processos educacionais. A abordagem consiste na elaboração

²⁵ Tradução minha de "Si el género y la educación construyen sus propios imaginarios normativos o mapas de hegemonía, determinando qué se hace legible en el marco de sus fronteras y qué no, la inquietud micropolítica pretende contaminar estas estrategias de espacialización y valoración social del conocimiento, creando las condiciones de posibilidad de un pensar desbordante de las lógicas identitarias de las disciplinas y los territorios de enunciación".

das propostas artísticas educacionais por meio da triangulação entre o fazer artístico, a contextualização e a leitura²⁶.

2.2 Corpo queer educadore e corpo queer educando

Para começar a pensar as pedagogias cuir/queer, é importante entender como acontecem os trânsitos do corpo queer educadore e do corpo queer educando. Val Flores entende a educação como uma prática performativa, em que ao ser viabilizada por corpos cuir: “nos possibilita reconhecer nossa própria tecnologia semiótica de construção de significados, amparado em um olhar corporizado, vindo de um corpo marcado que pretende dar conta dessas marcas [...]” (Flores, 2013, p. 229). Um corpo que percebe como o gênero é construído mas que não deixa de pensar em como isso molda as nossas relações hoje, forma a construir um saber interrogativo e permeável.

Nesse caminho, Marina Machado elabora acerca do professor performer, que se responsabiliza sobre a sua própria arte e suas concepções, “encarnadas em seu corpo e tornadas visíveis em suas atitudes, condutas, facilidades e dificuldades”. Aplicando isso no contexto LGBTQIAP+, a figura de uma professora cuir em sala de aula já é uma revolução mesmo antes de iniciar qualquer proposta, por estabelecer no horizonte daquelas crianças possibilidades outras e reconfigurar um sistema que ensina a heterossexualidade e trata as crianças como “um artefato biopolítico que garante a normalização do adulto” (PRECIADO, 2013), policiando as formas que se deve performar o gênero e a vergonha que se deve ter com o não pertencimento.

Com isso, estabeleço o paralelo com a pesquisa de Dodi Leal e André Rosa a respeito das relações entre performance e pedagogia quando falamos a respeito das transgeneridades em performance. Leal e Rosa, partindo do texto “Performance artística como pedagogia da resistência” de Charles R. Garoian, argumentam que pensar as pedagogias trans de forma performática

resulta em um redesenhar e rabiscar novas rotas para re-apresentar as memórias pessoais como um forte processo de imaginação e recriação de ideias, cosmovisões, formas de existir, mundos e utopias. O espaço liminal

²⁶ Utilizando o conceito de leitura de Paulo Freire, leitura de mundo que precede a leitura da palavra, para definir momentos de observação e conversa sobre a prática, seja olhar desenhos realizados durante certa aula ou também o pensar a atualização das didáticas usadas ao rever como a proposta reverberou.

da pedagogia da performance propicia o enfrentamento dos conteúdos hegemônicos do currículo escolar, e a construção dos eventos artísticos são desafiados pelas múltiplas posições e perspectivas culturais. (Leal, Rosa, 2020, p. 10)

Enfim, posiciono a postura desse corpo professoral performer em diálogo com bell hooks ao afirmar que

Ensinar é um ato teatral. E é esse aspecto do nosso trabalho que proporciona espaço para as mudanças, a invenção e as alterações espontâneas que podem atuar como catalisadoras para evidenciar os aspectos únicos de cada turma. (hooks, 1994, p. 21)

3. Experimentando a prática

Neste capítulo apresento um pouco das práticas realizadas a partir dessa pesquisa, mas principalmente das ideias e motivações dessas práticas, a começar por uma visão que permeia meu dia-a-dia, trabalhando nos últimos dois anos com educação na primeira infância.

Quando converso com amigos, estou o tempo todo falando sobre as crianças com quem convivo, e me entristece perceber que muitos adultos não tem a possibilidade desses encontros. Tenho consciência de que essas presenças me reviram inteiro, me fazem olhar as coisas de outras formas, com olhares e corpos imaginativos e curiosos; e de que essa presença alimenta a criança que ainda reside e resiste em mim.

Pensando nesse corpo imaginativo, apresento a noção de “criança performer” de Marina Marcondes Machado

[...] a criança é performer de sua vida cotidiana, suas ações presentificam algo de si, dos pais, da cultura ao redor, e também algo por vir – e, se olhada nesta chave, poderá desenvolver-se rumo à assunção de sua responsabilidade e independência, no decorrer dos primeiros anos de sua presença no mundo. Também sua maneira própria de adequar-se ou não às condutas pré-estabelecidas, seus comportamentos adquiridos, seus referenciais iniciais, podem nos dar pistas acerca daquilo que se nomeou as culturas da infância. (Machado, 2010, p. 123)

No mais, Machado elabora junto de Merleau-Ponty, Winnicott e Sarmento, a respeito do papel do adulto performer como introdutor da criança ao mundo nos primeiros momentos da sua vida e receptor das suas ações e atos performáticos:

Quanto mais rico o “menu” de degustações do mundo, quanto mais diversidade de experiências propiciadas pelo adulto para a criança pequena, mais repertório ela colecionará, para usufruir e reinventar o mundo. Ser performativo é também reorganizar os dados de sua própria experiência; isso toma tempo, e requer um tipo de adulto concomitantemente “presente e ausente”(WINNICOTT). (Machado, 2010, p. 127)

Em relação aos atos performáticos, resgato agora a pesquisa de Leda Maria Martins a respeito do corpo-tela. Leda parte de culturas marcadas pela oralidade ao estabelecer uma noção de um tempo espiralar que, ao fugir de formas ocidentais e lineares de contar a vida, reconfigura o tempo, a memória e a produção de saberes por meio das corporeidades.

o corpo-tela é um corpo-imagem constituído por uma complexa trança de articulações que se enlaçam e entrelaçam, onduladas com seus entornos, imantadas por gestos e sons, vestindo e compondo códigos e sistemas. Engloba movimentos, sonoridades e vocalidades, coreografias, gestos, linguagem, figurinos, pigmentos ou pigmentações, desenhos na pele e no cabelo, adornos e adereços, grafismos e grafites, lumes e cromatismos, que grafam esse corpo/corpus, estilisticamente como locus e ambiente do saber e da memória. (Martins, 2021)

Assim, associa o corpo-tela ao corpo-imagem ressaltando a qualidade não só visual das imagens mas também de seus sons, movimentos e compreensões sensoriais. A partir da leitura desse corpo integral, Leda traz o verbo “tanga”, do kicongo, uma das línguas Banto do Congo; que define tanto o “escrever” como o “dançar”, posicionando o corpo como agente da sua história.

Levando em conta o corpo em movimento como contador, olhamos agora para o vestir desse corpo

As vestimentas e o modo do vestir integram as práticas corporais e a elas acrescentam valores, dinâmica de movimentos e perfis que, por sua vez, produzem imagens, esculpindo movimentos, gestos e posturas, desenhando cenografias, espacialidades e luminosidades, traduzindo conceitos e hábitos. A composição vestuária é veículo de mensagens, pode expandir ou inibir os movimentos, subordinar ou ampliar os limites das ações físicas; flexibilizar ou restringir os movimentos e posições, facilitar ou conter os passos e os bailados, imprimir dinamismo ou moderar as rítmicas casadas com as musicalidades, impingir comportamentos, dar abrigo ou censurar deleites. Assim como as feições, o vestuário molda e esculpe o corpo. (Martins, 2021)

Sobre o vestuário como expansão ou inibição de movimentos, apresento as obras “Parangolés” de Hélio Oiticica e “Próteses Bélicas” de Lyz Parayzo.

Figura 11



Figura 12



Figura 13



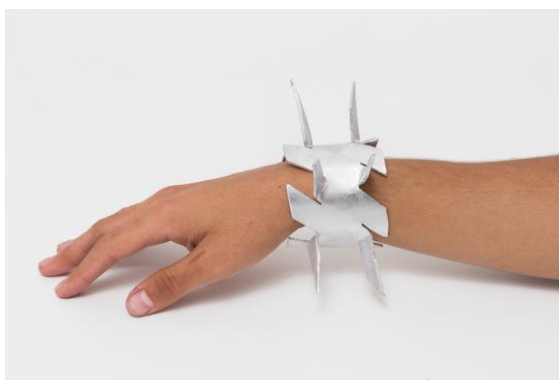
Figuras 11, 12 e 13: Jerônimo com Parangolé P8 Capa 5 – “Mangueira”, 1965; Nildo com Parangolé P15 Capa 11 – “Incorporo a revolta”, 1967; e Nildo com Parangolé P4 Capa 1, 1964 - foto: Andreas Valentin

A série “Parangolés” foi elaborada pela primeira vez por Oiticica na década de 60 no Rio de Janeiro, e consiste em peças de vestir com tecidos, plásticos e outros elementos. Os “Parangolés” demandam a participação ativa do espectador que, ao ser convidado a vestir, se torna parte da obra e esse convite se estende ao convite para dançar.

Figura 14



Figura 15



Figuras 14 e 15: “Top dentado”, 2018, e “Gargantilha Lança”, 2018, de Lyz Parayzo - foto de Ana Pigosso

A série “Prótesis Bélicas”, realizada em 2018 pela também carioca Lyz Parayzo, é composta por objetos de alumínio que formam uma espécie de armadura. Essas peças ao mesmo tempo que são brilhantes e reluzentes tem aspectos pontiagudos e cortantes. Partindo de uma vivência trans, Parayzo tem o corpo como principal plataforma de pesquisa e elabora essas extensões corporais quase de sobrevivência e denunciadoras de violências que funcionam como “testamentos materiais para as histórias orais”²⁷ das travestilidades.

Ambas as obras são elaboradas pensando no vestir, no entanto, enquanto a obra de Oiticica se realiza no movimentar e suas interações com o mundo, a obra de Parayzo ao mesmo tempo que instiga a interação, repele e exige uma movimentação controlada. Com isso, continuamos a seguir a pensar o papel dessas vestimentas no corpo-performer, agora partindo do universo Drag.

²⁷ Texto da exposição “Parayzo”, na Casa Triângulo em 2022/2023. Disponível em <<https://www.casatriangulo.com/pt/exhibitions/134-lyz-parayzo-parayzo/>> Acesso em: 10 nov. 2023.

3.1 Drag e montagem

O conceito “drag” surgiu inicialmente no contexto do teatro em que homens atuam em papéis femininos sendo então “drag” sinônimo de “dress as girl”. Assim, foi popularizado dentro da comunidade LGBTQIAP+ quando figuras como William Dorswey Swann se apresentam como drag queen.

Dragqueen seria então o “se vestir como uma garota”, trabalhando a feminilidade e o exagero dessas características associadas ao feminino. Em oposição, surge também o “dragking”, que seria a exploração das características relacionadas ao masculino.

Em relação a esses termos, uso aqui o entendimento de drag unificado, em que explora os processos de transformação do eu, não uma transformação que sai de um lugar e chega em outro e sim de explorar o transbordar o que é ser da forma que nós somos, se colocar como sujeito que viaja de lugares a lugares. Assim, não separando necessariamente dragqueen de dragking e sim entendendo drag como uma grande brincadeira performática com os gêneros e as normas que se dá a partir dos processos de montagem, ao emperiquitar nossos corpos para uma festa, uma ação, para as frestas que a vida nos dá para ser outro.

No Brasil, uma referência interessante para somar é a dos Dzi Croquettes, grupo de teatro que atuou entre 1972 e 1976 questionando papéis de gênero em meio ao período ditatorial. A respeito dessa produção, João Trevisan relata:

Os Dzi Croquettes colocaram nos palcos brasileiros uma ambiguidade de virulência inédita entre nós - influenciados também pelo espírito dos gender fuckers americanos. Em seus espetáculos, homens de bigode e barba apresentavam-se com vestes femininas e cílios postiços, usando meias de futebol com sapatos de salto alto e sutiãs em peitos peludos. Assim, nem homens nem mulheres (ou exageradamente homens e mulheres), eles dançavam em cena e contavam piadas cheias de humor ambíguo²⁸ [...] (Trevisan, 2007, p. 288)

²⁸ Por meio da referência de Dzi Croquettes e a respeito da relação de figuras drags com o humor, traço um breve elo entre drag e palhaçaria, como momentos de exploração de outros eus ao mesmo tempo que uma exageração de características suas também. Sobre isso, estudei a trajetória do Coletivo belorizontino Divinas Tetas, por meio do texto “Cabaré das Divinas Tetas: cruzamentos entre palhaçaria, arte drag e feminismos” (BEDÊ, SOUZA, 2023).

3.2 Lab cuir: experimentações de eus

Como proposta prática desta pesquisa, tinha por objetivo realizar diversas oficinas que seriam como laboratórios de montagem, espaços de experimentação das possibilidades de o existir carrega a partir da estética. Nessas oficinas seriam dispostos materiais variados e as pessoas participantes seriam convidadas a explorar aqueles materiais, subvertê-los, transformá-los e usar deles para criar para si uma nova narrativa.

Considero importante pontuar aqui que essa proposta empresta muito das propostas de cantinhos na educação infantil. Nos espaços educativos que trabalhei e trabalho com educação infantil, utilizam da proposta da criação de espaços convidativos ao brincar livre, que consiste em preparar o ambiente com diversos elementos, mais direcionados ou não, para que as crianças cheguem e ativem esses elementos. Na preparação desses convites é comum a presença de cantinhos com animais, carros, bonecas, fantasias, blocos de construir, entre outros brinquedos ou objetos não estruturados, como sucatas, por exemplo.

Voltando a proposta do lab cuir, a oficina é mutável, também é proposto realizar em nichos específicos, seja na temática quanto no público. Quanto a temática, essas montações podem ser direcionadas, como sugerido em seguida²⁹:

²⁹ Eixos temáticos elaborados de forma organizacional. No caso de realizar a oficina a ideia é mediar essa temática de formas outras que não por essas descrições (rodas de conversa, vídeos, leituras, por exemplo).

eu natureza

lab de montagem a partir de folhas, flores e materiais naturais

eu super-herói

lab de montagem almejando o super poder que você gostaria de ter,
o que você faria para salvar o mundo?

eu hiperfem

lab de montagem exagerando as feminilidades, cabelos, perucas,
maquiagens, acessórios

eu hipermasc

lab de montagem estudando as masculinidades, criação de barbas,
elaboração de acessórios ³⁰

eu animais

lab de montagem a partir de características animais e antropomorfas³¹

eu monstro³²

lab de montagem com criação de um monstro pra chamar de eu

³⁰ Elaborei essa proposta de oficina tendo em mente as ações do coletivo carioca Piratas de Gênero.

³¹ Elaborei essa proposta de oficina a partir de uma proposta de elaboração de fantasias de carnaval com crianças de 4 / 5 anos a partir da temática da tradição recifense do Carnaval dos Bichos Alopados, animais misturados.

³² Elaborei essa proposta de oficina a partir da ideia de monstruosidade Shock, desenvolvida por Abigail Campos Leal a partir da poesia de Susy Shock.

3.2.1. Lab cuir: experimentações de eus no enearte beagá

Durante o XXIV Encontro Nacional de Estudantes de Artes, que aconteceu em outubro de 2023 em Belo Horizonte, tive a oportunidade de mediar uma dessas oficinas. A ação começou com a leitura do livro “Julián é uma sereia”, escrito por Jessica Love e em seguida o convite para a montagem.

Para iniciar a história, participantes são convidados a sentar em uma roda no chão em volta desta toalha florida. No meio dessa toalha, algo embalado em um tecido cintilante: o colar que uso para contar histórias e a história a ser ouvida.³³

Figura 16



Figura 16: Registro da oficina - acervo pessoal.

O livro conta a história de Julián, que acompanhado de sua avó no metrô voltando na natação, se depara com sereias. A personagem se apaixona por essas figuras e ao chegarem em casa, enquanto Vozita vai tomar seu banho, Julián tem uma ideia:

³³ Rituais de leitura emprestados de colegas de trabalho durante meus estágios na educação infantil, nesse caso específico, de Jenni. Ter rituais de leitura, no meu caso o colar; e ferramentas para chamar a atenção das crianças para a história a ser contada, como a embalagem cintilante misteriosa.

Figura 17

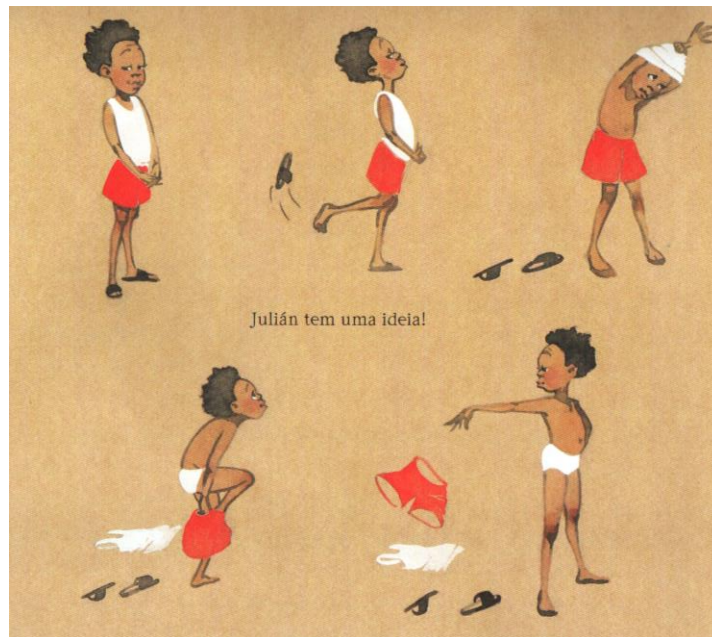


Figura 18



Figura 19



Figura 20



Figuras 17 a 20: Livro Julian é uma Sereia, de Jessica Love.

Julián se apodera dos objetos que existem no ambiente, como a samambaia, as tulipas, o batom e a própria cortina do quarto, e começa a se montar, como uma sereia, como as que ele viu no metrô e como a que ele sabe que é. A avó, ao sair do banho e se deparar com a cena, se vira e vai buscar algo. Quando volta, ela chega com um colar, somando com a criação de Julián. Em seguida, se preparam

para sair e Vozita leva até uma espécie de desfile, em que todes estão montades e vivendo suas fantasias reais

Figura 21

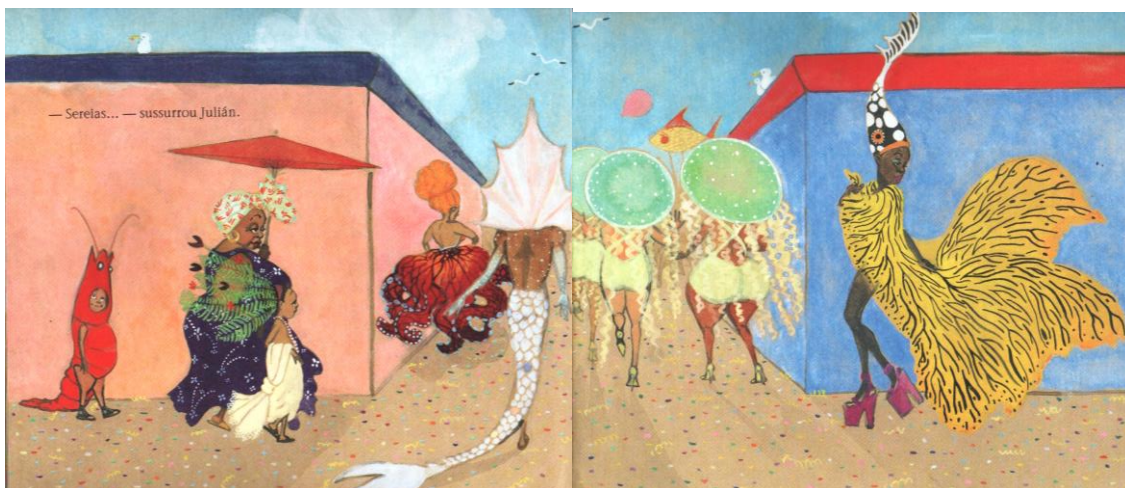
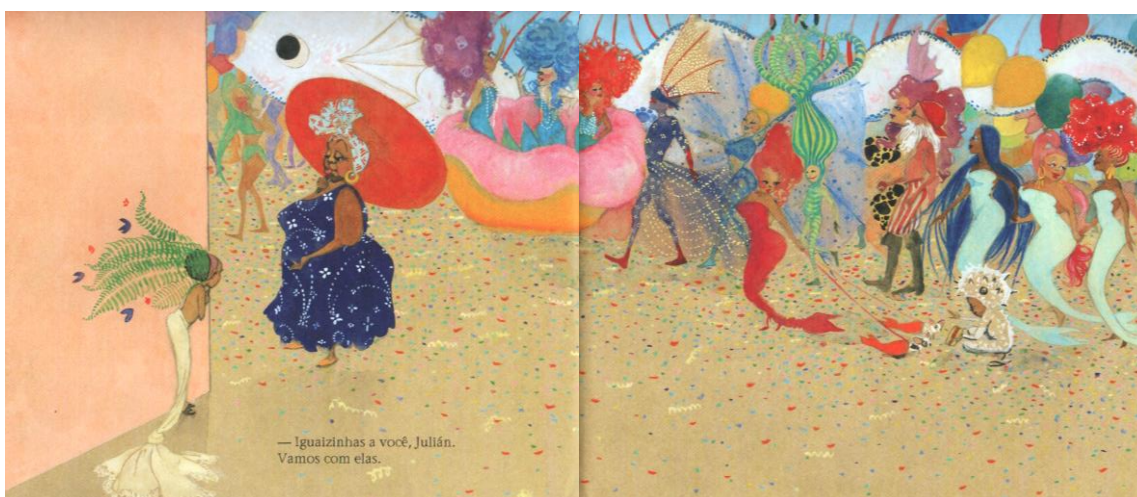


Figura 22



Figuras 21 e 22: Livro Julian é uma Sereia, de Jessica Love.

Aqui uso de “fantasias reais”, pois assim como Julián sabe e proponho nessas oficinas, a criação de outros eus por meio da montagem nos convida para lugares de identificação que transbordam o lugar da fantasia como distante do possível e do real ou melhor, o lugar do real como também imaginativo, experimental e fluido.

Voltando ao formato da oficina, após a leitura do livro em roda, conto um pouco sobre a minha pesquisa com pedagogias cuir e convido es participantes para uma sessão de experimentação de outras possibilidades de existência estética. Diversos materiais são dispostos na sala, definimos junto um tempo para o

exercício, colocamos música para tocar e então iniciamos, de maneira mais individual, a montagem.

Entre os materiais dispostos, ofereço tecidos, fantasias, tintas, acessórios, plantas, luvas, fitas, cola, tesouras, pincéis, fios, roupas, espelhos e cacarecos inventivos. A respeito desses cacarecos inventivos, me coloco aqui como uma pessoa acumuladora que enxerga muita potência nos materiais, seja algum retalho de roupa cortado fora, embalagens de produtos, vestes de um carnaval passado, entre tantos. Com isso, separar os materiais para locomover até outro estado para ir de encontro a essa oficina foi uma tarefa difícil mas recompensadora de ver meus acúmulos se tornando preciosos. Minha ideia inicial é de ter o máximo de materiais possíveis como convite a inventabilidade, oferecendo tecidos, papéis, jornais, caixas e elementos que proporcionaram também produções mais demoradas, além de estender o convite para materiais que possam trazer de casa ao experimentar o imaginar no cotidiano.

Ao encerrar o momento de montagem, convidei os participantes para uma roda de conversa onde ouvimos a história para conversar sobre nossas personas e nossos processos nessa construção.

Figura 23



Figura 26



Figura 27



Figura 28



Figuras 23 a 28: Registro da oficina - acervo pessoal.

Nessa experimentação do ENEARTE, o tempo combinado para a montagem foi de 15 minutos e tivemos 5 participantes. Durante a conversa, uma das participantes relatou que, em sua montagem, ela buscou fugir da sua área de conforto. Contou que não gosta de coisas brilhantes, paetês e glitter e que, se entregando ao processo experimental, se muniu dos tecidos mais brilhantes encontrados entre os materiais oferecidos e de maquiagem também cintilante. Ao fim, revelou ter gostado da imagem final e que pretende experimentar mais com o brilho para fora da oficina.

Outra pessoa que participou teve um caminho diferente, mas também reflexivo. Ela compartilhou com o grupo um pouco da sua rotina, que envolve voltar das aulas da faculdade a noite de ônibus, e do desconforto de estar nesse ônibus rodeada de figuras masculinas e de receber olhares. Com isso, a experimentação dela envolveu se vestir com roupas ditas masculinas a fim de se aproximar do que seria ser um homem nesse contexto do ônibus, e não ter nada a temer. Usou da camisa, colete e gravata borboleta e adicionou também elementos coloridos por meio de um tecido de paetê verde no pescoço e flores nos bolsos, o que remetiam a um personagem criado recentemente.

Contudo, apesar do baixo quórum, considero muito importante para meu processo o realizar dessa oficina. Montar o espaço como imaginei, ler a história e ter pessoas interessadas e entregues ao processo.

Considerações finais

Com o intuito de arrematar essa pesquisa, venho aqui com as minhas considerações finais que apesar de ocuparem essa ideia, não pretendem concluir nada. Assim, analiso um pouco das expectativas que tive durante o estudo e elaboração das práticas.

Primeiramente se faz importante pontuar a dificuldade que tive de fazer esse trabalho nascer por ser uma temática que diz tanto sobre quem eu sou, como me visto, como me chamo, como performo a vida. Entender durante essa pesquisa a importância de como quero ser chamada e vista por mis amigos e familiares foi muito bonito ao mesmo tempo que difícil, e desse modo, percebo que, assim como esse processo, essa pesquisa não se encerra na última página deste documento.

Num primeiro momento, imaginei que queria definir e registrar a dita “teoria queer”, entendê-la e mantê-la mais acessível, ao perceber que, quando me perguntavam sobre o que era a minha pesquisa e eu respondia com esse conceito, poucos entendiam. Comecei com essa missão que logo tive que abandonar, entendendo que o queer não é coisa de se definir, de bater martelos, e sim sobre uma teoria anti-esclarecedora.

Assim, fui percebendo que minha pesquisa caminharia muito mais pela metodologia que abigail traça de “atravessar a teoria queer, isto é, entrar na sua órbita, levá-la até o seu fim para, finalmente, deixá-la para trás” (Leal, 2021, p.14); e nessa viagem fui me vestindo das pesquisas de diversos pensadores. Acerca desse referencial bibliográfico, pontuo aqui a minha frustração em não conseguir trazer todos textos e autores que almejei, apesar de trazer uma quantidade significativa.

Sobre essa frustração, também sinto ela ao pensar as pedagogias cuir em prática, pretendia expor, ainda no capítulo 2, práticas de educadores que se ligassem a minha elaboração. Acabei deixando em suspenso, no entanto, entendo que, mesmo sem colocar esses exemplos, sei que pedagogias cuir estão

florescendo na mesma medida que nós estamos vivendo, estamos em salas de aula, estamos em coletivos e fazendo as mudanças acontecerem³⁴.

Ainda sobre prática, mas agora a minha prática. No meu projeto original a minha ideia era realizar diversas oficinas, tanto no quesito temas quanto no quesito público. Ao pensar público, uma das minhas maiores vontades era de realizar uma oficina dessas com um grupo de professores, o que acabou não sendo possível. Acredito muito na potência de atividades em formação de professores e assim empresto de bell hooks a fala sobre a importância dos professores de não esperar dos estudantes ações que o professor não faria, pensando em criar na sala de aula um espaço confortável.

Mesmo as oficinas não tendo acontecido na frequência que planejei, foi muito especial para mim poder realizá-la no ENEARTE, encontro muito significativo para mim, para minha pesquisa, formação e identidade. Apesar de terem sido poucas participações, como foi um encontro de estudantes de artes, acredito que houve uma importante entrega ao processo. Dessa forma, pude concretizar as minhas ideias em relação aos processos de troca com o coletivo e o reconhecimento de o quanto do outro eu posso adicionar em mim e vice-versa.

Com isso, volto a minhas hipóteses iniciais citando Rupaul, que apesar de ser uma figura complexa, conversa muito com o que estamos vendo quando diz “We all born naked and the rest is drag”, que traduzimos para “nós nascemos todos pelados, e o resto é drag”.

Assim, fecho as portas dessa pesquisa, mas deixando as janelas bem abertas, pro vento entrar, bagunçar tudo, levar algumas coisas voando com a poeira e também trazer coisas como folhas e flores, tal qual numa forte ventania.

³⁴ Mesmo deixando em suspenso na minha produção, incluo aqui o capítulo “Uma encruzilhada: teatro, educação e viadagem” do TCC “BALBÚRDIA NA UNIVERSIDADE PÚBLICA: (r)existência LGBTQIAP+ no Instituto de Artes da Unesp e suas possibilidades pedagógicas” de Mateus De Freitas Campos.

Referências bibliográficas

- AMARAL, Luisa. **Por uma ética queer**. 1. ed. São Paulo: N-1 edições, 2023.
- ANZALDÚA, Gloria. **La Frontera/Borderlands**. Consortium Book Sales and Distribution, 1999.
- BAROQUE, Fray. EANELLI, Tegan. **Queer Ultra Violence**. San Francisco: Ardent Press, 2011.
- BEDÊ, Dagmar Teixeira; SOUZA, Raquel Castro de. **Cabaré das Divinas Tetas**: cruzamentos entre palhaçaria, arte drag e feminismos. *Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 2, n. 47, jul. 2023.
- BENTO, Berenice. **Transviad@s**: gênero, sexualidade e direitos humanos. Salvador: EDUFBA, 2017.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Tradução: Renato Aguiar.
- CAMPOS, Mateus de Freitas. **Balbúrdia na univerisdade pública**: (r)existência LGBTQIAP+ no Instituto de Artes da Unesp e suas possibilidades pedagógicas. São Paulo, 2023
- COHEN, Cathy J. Punks, Bulldaggers, and welfare queens: the radical potential of queer politics? in **GLQ: A JOURNAL OF LESBIAN & GAY STUDIES** disp em <<https://read.dukeupress.edu/glq/issue/3/4>> último acesso em 14 nov 2023.
- COLLING, Leandro. **Que os outros sejam o normal**: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer. Salvador : EDUFBA, 2015.
- FLORES, Val. Pedagogías antinormativas: una herida en el corazón del saber in **interrucciones**: Ensayos de poética activista. p. 214-252. Neuquén: La Mondonga Dark, 2013.
- FREIRE, Paulo. Educação: um sonho possível in **O Educador: vida e morte**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 67. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- HALBERSTAM, Jack. **In a Queer Time and Place**: Transgender Bodies, Subcultural Lives. New York: New York University Press, 2005
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: A educação como prática da liberdade. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla.
- IMARISHA, Walidah. **Reescrevendo o futuro**: usando ficção científica para rever a justiça. Oficina de Imaginação Política - 32ª Bienal de São Paulo: São Paulo, 2016. Tradução: Jota Mombaça.

JOHNSON, E. Patrick. "Quare" studies, or (almost) everything i know about queer studies i learned from my grandmother In: JOHNSON, E. Patrick; HENDERSON, Mae G. (Eds.). **Black Queer Studies**. A Critical Anthology. London: Duke University Press, 2005.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de Educação**, Nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr 2002

LEAL, abigail Campos. **ex/orbitâncias**: os caminhos da deserção de gênero. 1. ed. São Paulo: GLAC edições, 2021.

LEAL, Dodi. **A arte travesti é a única estética pós-apocalíptica possível?** Pedagogias antiCISTêmicas da pandemia. São Paulo: N-1 edições, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação. In: **Revista Estudos Feministas**, v.9 n.2, 2001, pp. 541-553.

LOURO, Guacira. Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOVE, Jessica. **Julián é uma sereia**. 1. ed. São Paulo: Boitatá. 2021. Tradução: Bruna Beber.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOMBAÇA, Jota. MATTIUZZI. Musa Michelle. Carta à leitora preta do fim dos tempos In: **A Dívida Impagável**. São Paulo, Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOMBAÇA, Jota. Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência. **Cadernos de Imaginação Política**, São Paulo, Fundação Bienal de São Paulo, 2016.

PEREIRA, Pedro Paulo. Queer nos trópicos. Contemporânea – **Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v. 2, n. 2, jul-dez 2012, pp. 371-394.

PERRA, Hija de. **Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma**. Trad. Helder Thiago Maia. Revista Periódicus, Salvador, v. 1, n. 2, 2015.

PRECIADO, B. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n1/a02v19n1.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2023.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual** – práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2015.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 2004.

WEIMER, Rodrigo de Azevedo. Alguém falou em teoria quare? Pensando raça e sexualidade a partir da crítica de intelectuais LGBTQIA + negres norte-americanes à teoria queer. **Revista Brasileira de História**, São paulo, vol. 41, nº88, p. 205-228, jul. 2021.